



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANA MARIA DOS SANTOS RESENDE**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME–ESEF–UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-242

**Entrevistado:** Ana Maria dos Santos Resende

**Nascimento:** 04/03/56

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada (Porto Alegre-RS)

**Entrevistador:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Data da entrevista:** 11/06/2009

**Transcrição:** Alan Wasum da Silva

**Copidesque e Pesquisa:** José Patrício Cunha Pinheiro e Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 14 minutos e 25 segundos

**Páginas Digitadas:** 5

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de José Patrício Cunha Pinheiro intitulada *Atletismo Feminino no Rio Grande do Sul: a trajetória de cinco mulheres* desenvolvida no curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início da carreira esportiva da entrevistada; Vínculo com o Sport Club Internacional; Treinamento na pista do Parque Farroupilha (Redenção) com o professor Alexandre David; Participação em competições nacionais e internacionais; Participação das mulheres em corridas; Comportamento das atletas; Carreira profissional.

Porto Alegre, 11 de junho de 2009. Entrevista com Ana Maria dos Santos Resende a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Boa tarde Ana, quando começaste a praticar esporte?

A.R. – No início foi terças e quintas e domingo, eu ia a pé e voltava a pé, não tinha dinheiro pra treinar, durante praticamente um ano. Depois comecei a ganhar o dinheiro da passagem e do lanche, já ganhava mais do que minha mãe [risos]. E conforme vinha o rendimento eu ia sendo valorizada. Com a chegada do Alexandre<sup>1</sup> mudou tudo. Ele estudava, ele te canalizava para uma prova específica e tu não ficavas “pipocando”<sup>2</sup> de uma prova pra outra, então, tu sabias que tu ias treinar para aquela prova, então melhorou bastante. Mas ele durou pouco tempo no Inter<sup>3</sup>. Depois veio o Garcia<sup>4</sup>, mas em 4 anos eu já estava parando.

J.P. – O Garcia tu dizes o professor Garcia que hoje é vereador?

A.R. – É. Ele mudou o tipo de treino, fazia mais repetições. O Alexandre não fazia tantas como ele. Não lembro nenhuma vez no tempo de criança, de 14 aos 18 anos, ter feito 10 repetições de 400m, com o Alexandre. Ele tinha uma teoria que tu corrias naturalmente quando tu eras criança. Isso só foi mudado depois no tempo de adulto quando eu voltei pra treinar com ele, o Alexandre foi diferente. Fazia 10 tiros<sup>5</sup> de 400 metros, 4 tiros de 800 metros, o Alexandre não era uma pessoa de dar muitas repetições. Ele falava que uma pessoa que faz 20 tiros de 400 metros, corre uma maratona, ele era contra esses tempos longos.

---

<sup>1</sup> Alexandre David, treinador de atletismo de origem húngara, que ministrava treinos a diversos atletas, nos anos 1980, na pista do Parque Ramiro Souto situado no Parque Farroupilha comumente denominado de Parque da Redenção. Desde 2000 a pista é denominada de Pista de Atletismo Alexandre David.

<sup>2</sup> Termo utilizado no atletismo quando o atleta disputa várias corridas em diferentes distâncias sem ter uma distância específica.

<sup>3</sup> Sport Clube Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>4</sup> Carlos Alberto Oliveira Garcia, professor de Educação Física que ministrava aulas de atletismo no Sport Clube Internacional. Elegeu-se vereador de Porto Alegre e é conhecido como Professor Garcia.

<sup>5</sup> Termo utilizado no atletismo para referir o número de vezes que um atleta repete uma determinada distância.

J.P. – Essas poucas repetições que tu fazias eram basicamente de treino de velocidade?

A.R. – De velocidade. A gente brincava. O treino do Alexandre de adolescente era treino de brincadeira, fazia correr 100 metros, 200 metros, saltar bastante, fazer exercícios. Não tinha aquela coisa que tem hoje, repetir, repetir, repetir. Não me lembro disso, com ele não. Com o Garcia eu me lembro, quase morri para fazer quatro tiros de 800 metros. O Garcia já me botava a fazer bastantes repetições, e com o Alex<sup>6</sup> não; essa era a diferença. Para criança, como adulto ele já modificou o treino. Aí eu fazia, basicamente treinos de 800 metros, no início, quatro tiros de 2000 metros, durante mais ou menos um mês, depois ia baixando, quatro de 600 metros, três de 1200 metros e quatro de 800 metros, no máximo isso.

J.P. – E o clube valorizava isso?

A.R. – Não. Nem sei por que tinha, não sei se pela política de tu manteres o esporte amador, mas nunca foi valorizado. Nós não tínhamos nem roupa, tinha que dividir o sapato, um emprestava para o outro, era muito pobre o atletismo. Tanto que com o Alexandre, quando eu voltei para a Redenção<sup>7</sup>, era uma coisa que era da AVEGA<sup>8</sup> ali, nós trocávamos a roupa na rua. Lembro-me que quando eu voltei eu estava com 33 anos, eu ia de saia e já ia com o calção por baixo, porque eu tirava a roupa ali na pista mesmo. E deixava ali rezando pra ninguém roubar. E ainda tinha aquela coisa, que se tu ias no banheiro os caras ficavam te espiando. A Simone Silva<sup>9</sup> que é uma das melhores aqui pegou pneumonia quatro vezes em menos de um ano por causa disso. Porque não dava, ela treinava mais cedo; primeiro os guris tinham que tomar banho para depois as mulheres então ficar com a roupa molhada. E ainda os caras ficavam te espiando, e tinha o Ivan<sup>10</sup> que batia em todo mundo porque os caras ficavam espiando a gente. Era muito complicado, não é essa facilidade que tem hoje.

J.P. – O que motivava vocês de serem persistentes apesar de todas essas dificuldades?

---

<sup>6</sup> Alexandre David, seus alunos o chamavam de Alex ou Alexandre Davis, tal era o carinho com que treinador e alunos compartilhavam entre si.

<sup>7</sup> Referência ao Parque Farroupilha.

<sup>8</sup> Associação de Veteranos Gaúchos de Atletismo, fundada em 01 de dezembro de 1986.

<sup>9</sup> Colega de treino.

A.R. – O resultado em cima das pessoas que tinham tudo. Tu saíes da Redenção, tu saíes de um lugar que não tem nada e chegar lá, ver que aquelas pessoas tinham toda uma infraestrutura, que tinham tudo de bom, e tu chegavas lá com o teu feijão e arroz que às vezes a gente nem tinha, e conseguir ganhar. E o meio, se tu és pobre e quer sair da pobreza é uma maneira de tu te valorizares. Eu tenho tudo graças ao esporte, porque se eu fosse me classificar de querer ficar na vila, sentada lá fumando e bebendo, o que eu seria hoje? Já estaria morta como os meus amigos todos. Quando eu comecei, graças à Deus, encontrei o Alexandre. Fumar eu não vou, fui beber depois de velha, nunca bebi. Não me lembro de ter bebido antes dos meus 18 anos. E ele valorizava... Tu vais convivendo com pessoas diferentes, tu comesças a te dar bem, mesmo que tu vás competir com uma pessoa em um nível melhor, mas sempre tem aquela que te dá atenção. Tu já queres ficar parecida com ela, já quer buscar um pouquinho de melhora. Se tu és inteligente tu não vais querer ser pobre, só se tu és burro mesmo de não evoluir, o esporte te dá chance. Viajei bastante, como acompanhante, como atleta. É que tinha uma menina que às vezes eu ia com ela porque ela era muito rebelde, ela só obedecia a mim, então, eu ia com ela como acompanhante. Chegava lá e às vezes se surpreendia que eu fazia bons resultados. Em um campeonato brasileiro eu fui acompanhar ela porque a mãe dela não deixava ela viajar sozinha, no fim cheguei lá, fui correr o 400 metros com barreiras, cheguei em sexto lugar. Foi a surpresa de todo mundo, ninguém estava acreditando. E aí deu uma zebra, eu cheguei à final. Revezamento, também, de 400 metros, a menina que era para fazer chegou na hora e ficou com medo, eu fui lá e fiz certo. Quer dizer, que essas coisas todas dão certo, é chegar na hora e dizer: “Vamos fazer!”

J.P. – E existia a discriminação por ser mulher, por ser negra?

A.R. – Eu nunca notei discriminação no atletismo.

J.P. – Então o tratamento diferenciado pelo fato de ser mulher?

A.R. – Não. No nosso meio não tinha discriminação, até pelo contrário. Quando eu treinava no Internacional, a gente era até sensação quando chegava nas festas: “Bah, lá

---

<sup>10</sup> Nome sujeito à confirmação.

vem as atletas do Inter!”. Havia discriminação não pela cor, mas sim pelas atitudes das atletas que eu conhecia, não vou citar nomes, que tu deves saber bem. A maneira que elas se comportavam. Mas também, tu vais na Alemanha, tu sabes que não pode cuspir no chão, tu vais chegar lá e vais cuspir no chão? Claro que tu vais ser punida! Então, por atitudes rebeldes e má educação mas não pela questão racial e sim de educação. Mas as mulheres, eles até gostavam que nós corrêssemos, tinha bastante mulher. Atletismo que eu digo pista de corrida, não na rua, essa é a diferença... Tu tens que saber canalizar, que houve diferença, discriminação da pessoa que não está inserida no esporte. Como eu te disse, quando corria na rua: “Vai pra casa lavar uma roupa!” essas coisas. Mas entre o pessoal que praticava, nunca. Não, eu não posso dizer que fui discriminada.

J.P. – Eu fiz a pergunta porque geralmente nas provas de rua, nas premiações as mulheres são um pouco discriminadas.

A.R. – Na premiação é até um problema das mulheres porque elas não se unem, mulheres nunca foram unidas, em nenhum ponto. Porque se elas se reunissem e chegassem e dissessem assim: “Hoje eu não vou correr porque eu acho que nós estamos correndo e percorrendo a mesma distância que os homens.” Fazer um boicote, elas se organizarem. Mas se tu disseses que não vai correr, tem 45 lá atrás que dizem: “Graças à Deus que aquela desgraçada não vai correr!”. Isso é desunião, isso é o sistema oriental que a mulher tem andar lá atrás. Foi a própria mulher que deixou. A mulher lutou tanto para evoluir culturalmente, mas nas atitudes as mulheres estão lá em baixo. Nós que somos mulheres direitas sofremos muito hoje em dia. Eu digo, a mulher sofreu para ficar igual ao homem, aí agora as mulheres decaíram o padrão. Eu, quando saio de noite, fico impressionada, os caras falam duas palavras contigo e já te ataca [risos]. Mas quem deu essa liberdade? A mulher, porque se tu se voltares para o esporte a mulher também não evoluiu.

J.P. – O esporte pra ti foi a base?

A.R. – Para tudo na minha vida. Foi não, é! Eu ainda estava comentando anteontem, meu sonho é ser treinadora, porque eu sempre gostei. Minhas aulas são lotadas, chegam a gemer

de dor, mas sempre lotadas. A Ana<sup>11</sup> vai estar velhinha de bengala, e lá: “Vamos, vamos!” O meu sonho é ser treinadora, preparadora física, ginástica nem pensar. Às vezes que vai fazer uma coisa, mas a vida dá uma curva e tu tens que te encaixar. Então, eu continuo achando que dentro do esporte é a melhor coisa pra mim. Eu fiz uma Pós-Graduação em Musculação, eu quero fazer uma de Fisiologia. Eu acho que tudo que tu tens é estudar essa parte, para mim é o esporte. O esporte pode transformar uma pessoa tímida e com complexo de inferioridade. Primeiro as pessoas chegavam aqui e diziam coisas, e eu fechava a boca. Agora que eu estudei, que eu continuo sempre a mesma: “É assim, é assim, tu pode entender de tal forma, mas isso é assim.” E eu sou criticada. Uma academia próxima disse que eu não sei nada de musculação. E que eu sou contra o uso de anabolizantes, sou. Eu acho que não precisa, basta tu te alimentares bem. Se tu queres tu vais procurar uma pessoa que vai estudar, um fisiologista, nem um endócrino nem um nutricionista, vai num fisiologista. Ele que vai estudar o teu metabolismo, ele que vais te dar as coordenadas corretamente. Então eu digo para as guriuzinhas que gostam de ficar vendo minhas aulas: “Tu entende de quartel e eu entendo de musculação, então, eu te dou o treino e tu faz, certo?” Quanto tempo eu precisei fazer isso. A musculação começou a ser investigada faz uns 15 anos, então, hoje em dia tudo é novo dentro da musculação, tem quinhentos treinos e eles vão. E vem com aquelas teorias. Para eu não perder clientes, eu me faço de cega, surda e muda, só dou uma risadinha. Eles perguntam: “Do que tu estás rindo, Ana?” E eu digo: “Nada” Daí eu pergunto se quer a minha ajuda, se não quer eu nem entro. Eu trabalho muito mais com mulheres do que com homens. Quando o Felipe<sup>12</sup> começou a trabalhar aqui, eu falava as coisas para ele e ele falava as coisas para os alunos e eles aceitam. Ainda a musculação é um mundo muito masculino. Se a mulher, baixinha e velha dá as ordens, eles não aceitam. Se é um rapaz, que está sarado, que está fortão, o Felipe fala o que eu falei e eles vão: “Ah, mas o Felipe falou....” E eu fico bem quieta. Nesse aspecto, ainda tem muito mais restrição na musculação do que no atletismo. Se bem que no atletismo no Correio<sup>13</sup> os caras foram bem... Mas como o Correio é uma coisa que todo mundo tem, que não avança nem regride, fica sempre na mesma porcaria. Agora não sei quem é o poderoso do Correio, quem corre bem no Correio.

---

<sup>11</sup> Referência si mesma, a entrevistada.

<sup>12</sup> Filho da entrevistada.

<sup>13</sup> Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Seu comentário refere-se à equipe de atletismo dos Correios e Telégrafo do Rio Grande do Sul, da qual ela foi treinadora.

[FINAL DO DEPOIMENTO]